

## Ênfase

A Arte abrange ao menos quatro linguagens bem definidas: artes visuais, música, teatro e dança. Há ainda outras linguagens, como o cinema e a performance, que adentram o currículo de Arte, mas são as quatro anteriores que o estruturam.

Na Rede Municipal de Ensino atuam, nessa área, professores com formações distintas: licenciatura em Educação Artística (com habilitação específica em uma linguagem, inclusive Desenho Geométrico), Artes Visuais, Teatro, Música, Dança, entre outras.

Com isso, temos professores especializados em determinada linguagem artística, atuando em uma área que abrange outras linguagens diferentes daquela na qual se formou.

Como pode então, o professor de Arte, agenciar um currículo tão abrangente?

Conhecemos o grande desafio que enfrentam os professores de Arte ao dirigirem seus esforços para aprofundar-se em linguagens diferentes de sua formação inicial. Proporcionar situações de aprendizagem significativas aos estudantes em uma linguagem que o próprio professor não se sente à vontade não é tarefa fácil. Portanto, é preciso buscar estratégias que simultaneamente considerem a especificidade da formação do professor e a estrutura multilinguística da área.

Trazemos, em primeiro lugar, a proposta de trabalho focada na **ênfase**. Se o professor for licenciado em Artes Visuais, enfatizará um percurso de aprendizagem com **aprofundamento** em Artes Visuais. O mesmo vale para as demais linguagens de formação do professor.

Estabelecemos, assim, o ensino de Arte dando maior peso à linguagem de formação dos professores, sem excluir o direito de acesso dos estudantes a todas as linguagens artísticas previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96).

Uma vez que o Currículo de Arte foi estruturado em **Campos Conceituais** e estes abrangem todas as linguagens artísticas, consolida-se aí uma abertura para o **diálogo** com todas elas. A inter-relação dentro da própria disciplina ocorre de modo similar à interdisciplinaridade fora dela.

O desenvolvimento de saberes específicos e aprofundados em Teatro, por exemplo, não impede o diálogo com outras linguagens artísticas. No teatro há textos, roteiros, músicas, ritmos, cenários, luzes, apelos linguísticos, danças, poesias, movimentos corporais, figurinos... todas variáveis componentes das diversas linguagens da arte.

O professor de História pode localizar no tempo e na dimensão política a obra de Shakespeare; o professor de Educação Física, analisar os desgastes corporais do Ballet Corpo; o professor de Geografia localizar no Japão as regiões que praticam

o Ballet Butô... Planejar com os demais professores as aulas, só traz benefício aos estudantes que podem ver relação entre tudo o que conhecem, facilitando o processo de estudos e resultados.

Tomando por base o conceito desenvolvido em um percurso de aprendizagem em Música, podemos mostrar aos estudantes como o mesmo conceito se desdobra em Artes Visuais, Música e Dança, sem, contudo, nos aprofundarmos nas especificidades dessas linguagens.

Procuramos, desta forma, apontar um caminho que possa garantir a qualidade do ensino de Arte por meio do aprofundamento das aulas na linguagem de formação do professor e, ao mesmo tempo, garantir o direito de acesso dos estudantes às diferentes linguagens artísticas.

## Promovendo o diálogo

A área de Arte é o espaço do Currículo no qual a estética se faz presente como objeto de conhecimento – que é, aliás, um atributo de todo saber. A experiência do fazer, do fruir e do refletir nas diferentes linguagens artísticas, científicas ou sociais permite maior proximidade e diálogo com a produção cultural humana. É na área de Arte que adentramos nos códigos e dinâmicas das imagens, dos sons, dos gestos, dos movimentos e da palavra em suas qualidades artísticas e estéticas (entendendo que muitas vezes a estética nas aulas de Arte se estende para além do universo artístico e abrange, por exemplo, as tecnologias, a antropologia, o design, a publicidade e outras áreas de nossa cultura).

Uma das vocações da área, portanto, é a ampliação do repertório estético dos estudantes, assim como a crítica e a contextualização deste. Neste sentido, Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque estabeleceram o conceito de **nutrição estética** no ensino de Arte.

A nutrição estética na sala de aula é um modo de gerar o abastecimento dos sentidos movendo o saber sensível pelo oferecimento aos aprendizes de objetos culturais como imagens de obras de arte, música, um fragmento de um texto poético ou de um texto teórico, um livro de história, um objeto do cotidiano ou um vídeo dentre outras formas culturais.

É importante notar que a nutrição estética é oferecida pela cultura, mas na escola ela depende de nós, educadores. Significa que é ofertada para ser saboreada tal qual um delicioso almoço ou jantar que fazemos carinhosamente para a família ou amigos. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 36)

Em um processo de aprendizagem focado no conceito “arte e tecnologia” com ênfase em Artes Visuais, por exemplo, pode-se propor uma situação de nutrição estética na qual os estudantes possam ter contato com o conceito e como ele

se desdobra nas demais linguagens artísticas. Depois de trilhar um percurso repleto de arte e tecnologia nas Artes Visuais, oportuniza-se aos estudantes o contato, por meio de imagens, textos, vídeos ou uma visita cultural, com o conceito em outras linguagens. Assim, mesmo sem o aprofundamento nas questões específicas de Teatro, Música e Dança, os estudantes poderão se conectar e conhecer o conceito irradiado a partir delas.

São também essas autoras que nos trazem outra proposta para a inter-relação na disciplina de Arte: a **experimentação**. Ainda que não possamos nos aprofundar em uma linguagem diferente da nossa de formação, podemos promover experimentações significativas, relacionando-as.

Podemos citar como exemplo, um percurso de Dança focado no conceito de patrimônio cultural. Nesse processo é possível vivenciar o teatro de mamulengo, estimulando os estudantes a experimentarem a criação de bonecos e improvisação de cenas dessa tradicional e popular forma brasileira de fazer teatro.

Portanto, por meio da nutrição estética e da experimentação, o contato com os conceitos enfatizados no percurso de aprendizagem estão presentes nas linguagens que não foram aprofundadas.

## Novas linguagens

Há, também, situações nas quais as separações entre as linguagens são mais tênues ou até eliminaram suas fronteiras: linguagens híbridas, linguagens transdisciplinares, linguagens convergentes etc. São muitas as categorias criadas como forma de descrever a diversidade artística contemporânea, que já não obedece às fronteiras tradicionalmente estabelecidas.

Não procuramos definir os diferentes termos porque as linhas que os diferenciam nem sempre são claras. Encontramos nesse contexto duas ou mais linguagens conectadas ou amalgamadas, linguagens artísticas que emergem da fusão com áreas que transcendem o universo da arte e linguagens que se estabelecem de modo inovador, não podendo ser descritas apenas como união de linguagens afins.

Na contemporaneidade nem sempre podemos categorizar, colocar determinada produção ou ação artística dentro de uma caixa com uma etiqueta, seja porque ela não cabe em nenhuma caixa ou porque cabe em inúmeras caixas.

É importante considerar a presença de linguagens contemporâneas no planejamento das aulas pois, se linguagens muito antigas, como o desenho, continuam a marcar forte presença em nossa cultura, linguagens como a performance, a instalação, a videoarte, a arte cinética, estão cada vez mais evidentes. Os

estudantes se deparam com linguagens contemporâneas e tradicionais em seu cotidiano, em momentos de lazer e expedições culturais. Sua vivência e estudo no espaço escolar permitirá maior qualidade nas relações e no contato com a arte e a cultura dos estudantes.

## O tempo e o espaço

A Arte na escola ocorre dentro de uma estrutura de tempo e espaço em uma matriz que determina o volume semanal de aulas. Ao planejar o percurso de aprendizagem é preciso considerar o tempo que se tem com cada grupo de estudantes.

Não podemos cronometrar o tempo do desenvolvimento poético de nossos estudantes, pois a experiência artística também ocorre longe dos olhos, movimentando-se silenciosamente (ou não) em nossas mentes. Em meio a esse silencioso processo, algo parece saltar de dentro de nós, e nossa forma de ver, ouvir, pensar, sentir, desejar e fazer arte se transforma.

Nas aulas de Arte, lidamos com as limitações cronológicas, mas temos em vista que os percursos de aprendizagem se inserem dentro do tempo qualitativo. As experiências artísticas e estéticas podem afetar significativamente os estudantes e atuar para além do tempo métrico. Em cada momento do processo, se estabelece um novo encontro com a arte e é a qualidade desses encontros que impulsiona o desenvolvimento poético de nossos estudantes.

Ao criar percursos de aprendizagem, podemos estabelecer parcerias com o professor titular da sala. Assim, especialista em Arte e pedagogo atuam em conjunto propondo sequências didáticas e projetos. Trabalhando com um mesmo foco, o tempo pode ser dividido entre ambos para o desenvolvimento dos estudantes em Arte. Quando há a parceria, a proposta de um se completa na do outro, tornando-se um processo conjunto. Ambos são propositores, colaborando de modo positivo na aprendizagem. Além de ganhar tempo, por meio da parceria, o professor especialista se integra à dinâmica e aos objetivos da escola.

Integrar os percursos às demais áreas de aprendizagem é, também, outro aspecto importante a se considerar. Planejar ações conjuntas, projetos inter e

Fazendo uma analogia mitológica, este tempo, marcado em minutos, rígido e imperativo, é o tempo Chronos, deus da mitologia grega que dá nome ao tempo métrico, cronometrado. Na mitologia, Chronos foi um devorador de almas, até que uma ação inventiva fez com que fosse destronado. O tempo da arte tende a resistir a Chronos também. Ainda que, como um componente curricular, a Arte precise estar cronologicamente adequada, o tempo do desenvolvimento poético de nossos estudantes é outro.

Para os gregos, o tempo também era representado por outra figura, o deus Kairós. Enquanto Chronos aponta para o tempo quantitativo, Kairós nos dá o tempo qualitativo, o tempo produtivo. A arte está muito próxima do tempo Kairós, pois este é o tempo da experiência.

Nosso planejamento realiza a ação de unificação do tempo rígido com o tempo da experiência, possibilitando experienciar e vivenciar a arte dentro da grade horária escolar.

transdisciplinares, que se conectem a outros campos de conhecimento e dinâmicas da escola, permitem uma organização a longo prazo, o que colabora com o tempo disponível e na viabilização de espaços para a experiência artística integrada à movimentação curricular da escola.

Encontrar o espaço da Arte na escola varia para cada contexto. Há casos nos quais a dinâmica das aulas de Arte já é parte do movimento curricular de toda escola e conquistou espaço próprio. Em outros casos há a necessidade de se estabelecer adaptações e parcerias. As adaptações podem ser na própria sala de aula, reconfigurando-a para proporcionar ambientes mais coerentes com as posições artísticas: buscar espaços alternativos como o pátio, salas de multiuso e outros locais que fazem parte da área de sua escola. Outra opção seria fazer parceria com os professores de Educação Física possibilitando o uso da quadra por ambas as áreas.

Muitos professores de Arte descobrem e inventam espaços para suas aulas, inclusive em locais inusitados. A escola tem aprendido sobre a complexidade da área de Arte no Currículo (e sua abrangência que vai do conhecer ao fazer) nessa relação que se constitui diariamente.

## Avaliação

Ainda é um desafio criar métodos de avaliação para o ensino de Arte na escola. Como atribuir valor ao desenvolvimento poético dos estudantes? E, por outro lado, como garantir que os estudantes se engajem nas aulas de Arte sem entender que “qualquer coisa” é válida? Portanto, como não abrir mão da avaliação e torná-la coerente com a singularidade do desenvolvimento de cada estudante?

A proposta de avaliação para o Currículo da Cidade de Arte está diretamente relacionada à concepção do ensino como processo. Para acompanharmos o percurso é preciso que se registrem vários momentos da travessia.

O registro pedagógico está associado ao acompanhamento do processo da construção dos conhecimentos na linguagem, possibilitando um desenvolvimento artístico significativo, bem como a avaliação processual e formativa. Tendo como perspectiva que os(as) estudantes são sujeitos da aprendizagem, os registros podem ser documentais e/ou artísticos, elaborados de acordo com o que cada um ou o coletivo julgar significativo. Eles poderão ser organizados por meio de instrumentos narrativos, desenhos, fotografias, vídeos, gravações, elaboração de partituras, recortes, colagens, relatos, diários de bordo, portfólios, protocolos e outros. A diversificação do registro pode ampliar os olhares sobre as experiências vividas, colaborando para a reflexão do que foi construído como conhecimento. (SÃO PAULO, 2016, p. 30-31)

É possível também propor formas coletivas de registro. Elas contribuem com o desenvolvimento de atitudes colaborativas e do cuidado com o grupo. O objeto de registro deve ser de uso e acesso coletivo, podendo-se combinar acréscimos e alterações. Cada classe cultivará, assim, a memória do percurso da aprendizagem, com suas descrições, observações e invenções poéticas, que poderão ser consultadas por todos os estudantes. Um caderno de folhas A3 para cada classe, no qual um ou mais estudantes assumem a responsabilidade pelo registro (formal e/ou poético) da aula, é um exemplo de material de registro coletivo. No início das aulas, o registro coletivo pode ser retomado e um novo estudante ou grupo de estudantes se torna responsável pelo registro seguinte.

Os processos registrados por cada estudante estruturam um material de avaliação processual do grupo, respaldando o professor em sua avaliação individual e na gestão de seu planejamento.

Os registros e produções (no portfólio/diário de bordo/caderno de artista) devem ser estimulados desde as situações de aprendizagem diagnósticas e podem ser realizados de maneira diversa e criativa. Há a possibilidade de integrar as tecnologias digitais, como o registro sonoro, visual e audiovisual.

Os materiais de registro também colaboram na realização da auto-avaliação dos estudantes acerca de seu percurso pessoal e na avaliação do processo como um todo.

A avaliação, além de ser uma devolutiva aos estudantes acerca de seu envolvimento nos cursos e desenvolvimento poético, colabora no replanejamento, abordagens e proposições do professor.

## O timbre de cada professor

Como já dissemos anteriormente, cada professor reúne em si percursos exclusivos de vida. São diferentes estudos, interesses, repertórios, posturas, metodologias e modos de se relacionar com o mundo. Na linguagem da Música, é descrito um parâmetro sonoro que muito se assemelha à nossa colocação: o timbre. Quando ouvimos o som de um instrumento musical conseguimos identificar sua fonte sonora, mesmo que ele não esteja acessível à visão. Escuto meu vizinho improvisando solos em sua guitarra e consigo identificar o instrumento que ele toca, ainda que eu esteja em meu lar e ele no seu. Conseguimos, portanto, reconhecer um instrumento musical pelo seu timbre, seu som característico.

Assim são as aulas de Arte. Além das diferenças de contexto e dos diálogos estabelecidos com os estudantes, há também diferenças timbrísticas dos regentes das aulas. Se dois professores elaborarem em conjunto seu plano de aula, ao colocá-lo em movimento, haverá diferença no modo como ele se desdobrará.

Iniciamos estas orientações com a metáfora do “tempero” e reforçamos agora com o “timbre” como forma de sublinhar este que nos parece um ponto central: há variações significativas no desenvolvimento curricular acionado por cada professor. Assim, procuramos estabelecer um Currículo de Arte a partir da plasticidade, com possibilidades múltiplas de composição, sendo o professor o propositor de percursos exclusivos, singulares.

Vejam os exemplos de planos de aulas em percursos distintos, abrangendo a especialidade de cada linguagem artística e seu diálogo com os aspectos trazidos no Currículo da Cidade.